

LUIS

KANDJIMBO

**DE VAGARES A
VESTÍGIOS**



DE VAGARES

ODE À POSSE E À FRUGALIDADE

À memória de meus pais

Em que tempo a sorte envelhece no destino
Em que tempo a morte olhando
Suprime cores de um dia
Em que alguma prata, casa limpa, fogo aceso, respeito e amor
Surpreendem com a frugalidade de um ocaso

E na memória a posse calculada e abundante
Naquele tempo da terra e do céu puro
Criaturas no quintal pleno
Com gastos hospitaleiros

Ó, neste tempo bizarro
Da profecia e do caos
Da posse calculada deslizando
Das aventuras e ideias desprezadas

Em que tempo a morte envelhece o destino
E surpreende a frugalidade do ocaso
Na memória fraudulenta dos dias e das noites

VAGARES DA MARÉ

A mágoa insidiosa
Peregrina na noite ambulante
Das marés vagarosas da baía

Tanta ou pouca luz
Molha o dorso moribundo da baía
No céu isolado
Anda o luar envelhecido
Com a noite antiga
Nos dias abundantes
Vigia uma ternura
Dilacerando a cidade

SOB A LUA

A lua traz no halo meses e calendários
Das mulheres amáveis na curta medida
Das sementes magníficas
Do nascer e da morte

A lua desaparece na nebulosa malha
Da noite resignada

A lua perde o centro
Na noite com meses e calendários
Ficam estrelas para mulheres solitárias
E saudosas aguardam sementes magníficas
Do nascer e da noite

O VENTO

O vento turvo e fluente
A luz noctívaga e moribunda
Estendidos sobre o leito
Outro zénite esperam do luar

ZÉNITE

Perturbada sob meu olhar
A noite chora
No zénite inclina-se
E chora como a luz insaciável

A NUDEZ ARÁVEL

A baía indecisa e solitária
Exposta à voraz cidade
Recolhe na nudez do céu
O olhar falaz e luminoso
Dos limites habitados
Com recorrente sentir na meia noite

A solidão decisiva
Ilumina o limite
Da nudez arável nas esquinas
Na cidade recorrente da meia noite

O AROMA ERVANÁRIO

Na minha casa durmo sono profundo
Se a mulher nas entranhas estremece
E me fizer massagem de água quente
Com ervas aromáticas da sua mão

A mulher dorme e levita o sonho profundo
Quando ouve enorme
Meu respirar profundo

A mulher não levita, estremece nas entranhas
Doa meu respirar profundo
O aroma ervanário de sua mão

A MULHER DO Z

A mulher do Z saiu
De casa foi
Nos pais e disse:
A mulher sofre
Quando no apogeu
Não lhe tocam de noite

O Z foi
A busca da mulher
E disse:
A mulher sofre quando
Onde chega narra
Os limites dos seus panos

O PASSADO LUMINOSO

Flui o diálogo pelo instante
Olhos do passado luminoso
E voz do assombro pelo tempo
Saem-lhe do corpo inteiro
O traçado da busca dos lugares
E da memória

Desfaz-se o esquecimento nas ruínas
De um desejo herdado e secular

Leio-lhe outra metáfora do desejo
Divagamos no tempo da cidade
No passado luminoso

É o assombro pelo tempo
Quando flui o diálogo pelo instante

CANTO ÀS SIMETRIAS

Meus olhos constroem
Nas covinhas fronteiriças do teu joelho
Múltiplas simetrias do corpo que desejo

Deixo-me submisso no recato
Do teu rosto na penumbra
Do nosso rio perfumado

Escondes prodígios, seduzes
Nas margens e constelações repousantes
Recolhidas no nosso rio perfumado
Devolves elogios e encantos
Das simetrias e da opulência sensual

NA ROTA DO POENTE

Em 1853 fui para o poente, a caminho de Moçambique. Com a minha comitiva, armei as últimas cipundas perto de Ngalangi. O comércio era o nosso horizonte. Em Kakonda procurei a casa do meu tetravô. Depois em Cikomba, passei na aldeia onde no lugar do meu pai, podia reinar em Kandingi, herdando algum poder de outro tetravô. Falei-lhes sobre a minha angústia de invenção, de uma nova maneira de ler na natureza a cartografia e os caminhos. Todos disseram para seguir os rios, compreender as árvores, a vegetação e os animais. Mais importante, acatei: São as pessoas que aparecem no caminho, levar-te-ão sempre aos que mandam e vão te pedir a portagem para travessia. Se não pagares, terás sempre azar no caminho, os homens da tua comitiva poderão morrer de doenças estranhas. Mas, ouve, importante mesmo são os animais e os caminhos que indicam sempre o rumo de longe. Nas colinas, planuras, rios e savanas demandei terras. Já tinha atravessado rios como o Liambeje e o Kuvango. Depois encontrei o Rovuma. Quando cheguei no povo chamado Va-Lungwana, me disseram que era ali onde viviam também os Vi-Ndjungu.

40 ANOS

O declínio do dia, da nascente
O sedento do viver e aventuras
Ao poente como há quarenta anos
No silêncio ruidoso
O metabolismo da matéria
Do passado, dos dias e do sangue

O que tinge esse declínio do dia?
Os ossos, a barba, o bigode?
Quando rangem as tripas

Na memória vozes distantes e luminosas
No outro mundo
Minha mãe e meu pai
Dizem-me: *wakula ka tyuka*
Não há regresso na idade

A MEMÓRIA E OS SONS

Os sons esmagam chão da memória
Elevam-se pós sonolentos
Que povoam alma
De um melómano crucificado
Como pródigo e noctívago

ESPELHOS

Há espelhos partidos sobre as vagas
Quando vento inunda a baía?
E o sol declara seu império

Os espelhos partem e renovam-se
Do sol emitem sons incolores

VESTÍGIOS DE LUGARES

DE CARTAGO AO OÁSIS DE TOZEUR

Sou nómada. De noite janto no oásis
No momento da constelação oblíqua
Habito oásis
Areia incontida, a paliçada
Leio Corão
No distante, infindo deserto

A Tunísia da história e do mar
Vivem em Cartago
Lá encontrei Aníbal
Nas pedras e colunas
Com oliveiras entrando para o mar

No oásis contei as estrelas
E os grãos de areia
Li o Corão
Bebi no vento vestígios de Aníbal.

O AZUL CINTILANTE DA MEDINA

Nas medinas de Tunis
Levo para casa
O gesto árabe dos tempos
O fósfil do fakir.

Dançando com cântaros à cabeça
Vejo homens do deserto ao sul
Volvo à vertigem dos séculos
Dos homens ao sul do deserto

ISTAMBUL

Na terra de Nazim Hikmet
Vagueio na história de uma cidade
Em bazares e mesquitas
Meus pés sentem vetustos orgulhos
De Constantinopla, do Sultão e do Império

No bazar, com o chá do elixir
E numa *raki muhabbet*
A turca livreira anuncia
Poemas do Sultão e livros
De Kemal Ataturk, reformador

Na noite ruidosa
As putas russas
Como a amada do Sultão

DE LAGOS A NSUKKA

De Lagos populosa persigo
A estrada para Oeste
É tangível a punção iluminada
De alguma guerra fratricida
Atravesso rio Níger no crepúsculo
Caía escuridão sobre Onitsha

Em Enugu a secessão invade-me, Ó memória
Rasgo a noite em busca
Da célebre acção e homenagem
Saúdo na mão de Achebe glórias
De uma vida, das formas e da literatura

DAKAR

Duas personagens entoam choro
Kora e Balafon soam olhares
Das mulheres talhadas por Deus
Em cada rosto e pano colorido

Em Dakar gravita Senghor e Cheikh Anta
De Gorée a Sandaga
Kora e Balafon soam
Sobre o Atlântico as cores de Dakar

LISBOA

Quando dos livros me falavam
Camões, Bocage e Pessoa
De Lisboa soube

De Lisboa soube
Com a quimera do império
Erro na noite hoje em Lisboa
Sobre destroços de uma glória
E orgulhos mal vencidos pelo tempo
Ao lado um mimetismo errante
Secreto e qualquer

HAVANA

Na noite deambula um cheiro
E a música que já ouvi
De mulheres efusivas
Mas na rumba e no som despendem
Uma alma do tempo predador
Onde o dialogo com Atlântico
Onde estará Guillén, Lezama Lima
E Eliseo Diego?

PARIS

Peregrino lugares do inconsútil pano gaulês
Como primeiro escriba da minha geração
No *Café De Flore* e *Aux Deux Magots*
Demandando os que brandiram a palavra
Como arco eterno e renovado

Em Paris as marcas, os livros habitam
Na cidade do exílio e de uma glória cristã

LIBREVILLE

Sobre o rio Ogouée paira
Um vento húmido do norte
Para cidade chuvosa e recatada
Desço e passeio à beira mar
O mar desvenda vozes
De abolicionistas, corsários e piratas

PERSONAGENS DO LUGAR

CALOTRIGO, A GAIVOTA

Voas e sobrevoas o Atlântico
Da minha terra não sei
Por que lhe chamam gaivota
Calotrigo da minha infância

Quando de tarde na taínha debicas
Tange-me novo desejo
De namorar na praia
Olhando sombreiro no ocaso do dia

CINGANDU, O HOMEM-JACARÉ

De nome voraz como a morte
Passa trôpego
E leva o escárnio
Do incircunciso
Até ao dia da cilada

O desdém incircunciso
Como dia da cilada
Litoral esgota na glória
Nas encostas e colinas circundantes

CIKUAMANGA, O CORVO

Com presságio sinistro e antigo
Da podridão e dos homens
Em calculados homicídios de noite
Arquejando cúmplice idade

Com bico bafejado voa sobre
Pela sinistra condição dos homens e da morte

ONYAÑE, A GARÇA

A garça. A garça vai
A garça vai beber
Vai beber água no curso do Kuvango

A garça vai beber água
Água no curso do Kuvango

A garça. A garça vai
A garça vai beber
Vai beber água no curso do Kuvango

A garça vai beber água
Água no curso do Kuvango

A garça. A garça vai,vai,vai,vai

KALUPAMBA, A ÁGUIA

Um arquétipo assombra o meio dia
Erra no céu húmido. Mas uma presa olha
O céu ensaguentado
Quanto fatal anuncia o destino
Do pintainho num bico grave
Desce a rapina
Da falcoaria
Um arquétipo assombra o meio dia

MIAPIA, A ANDORINHA

Como a nuvem solitária
Traz uma chuva
A nuvem no horizonte

KANENDE, A ROLA CANTORA

Canta na gaiola
Kukrrrrrrrrrrrrrr
Canta no céu
Kukrrrrrrrrrrrrrr
Do céu bebo, canto pleno
Alijo água na gaiola
Não há canto
Kukrrrrrrrrrrrr

PROVERSÕES

(Provérbios, Adivinhas e Máximas *Umbundu* convertidos)

NUDEZ E SOLIDÃO

Epele li vala omele; umbumba u vala kuteke
(A nudez aflige pela manhã;
a solidão feminina é de noite que aflige)

A nudez dói pela manhã
Ao anoitecer a mulher sofre a solidão
A solidão da mulher, a nudez da mulher
É de noite
É como a nudez do corpo

O ROSTO E A NUCA

O rosto e a nuca são como poente e sol nascente. O rosto e a nuca são como os sexos da mulher e do homem. O rosto e a nuca não cá se é contra com frontal mente. No nascer e sol poente não cá se é contra. O sexo do homem e da mulher não cá se é contra. Eles comunicam frémios entre si. Mas não cá se é contra. Não é um encontro que se dá. É um engenho ouso movimento prova ido por atritos da comunhão genial e inventiva. Dos corpos, do espírito e do poema universo.

A VASSOURA, *OLWYEIO*

Anda vestida e limpa
Com a cintura. A cintura anda limpa
E vestida. A vassoura anda vestida
É limpa e vestida a vassoura
Quando anda
É limpa e vestida a vassoura
Quando anda
Com a cintura. A cintura anda limpa
É linda a vassoura
Quando anda

EHONDYIO, A BANANEIRA

O seu indolente destino
No mesmo lugar
Vomita e reclina

EHOTYIO, O CARACOL

O meu amigo tem prurido da mudança de lugar.
Não constrói casa
Para morar tem o corpo e a casa no mesmo lugar
Com prurido da mudança não constrói casa para morar.

EKUMBI, O SOL

Quando cavo poço de água
Um olho luminoso
Observa-me os gestos
Todos dias.

Quando cavo poço de água
Um olho que arde em vertigens
Poderoso observa-me os gestos
Todos dias.

ESTRELAS

As estrelas são passáros
Que povoam o céu
Mas no chão de dejectos
Não há vestígios

**QUATRO CANTOS À FIDELIDADE
CONJUGAL**

O LUIKO, O LEME DE FAZER

Diz a mulher:

*No meu recanto és acolhido com amor
De dia ou de noite comedido
E tranquila fervo
Útil no meio da comida e das entranhas
Mas não, comes
De uma maneira!*

Diz a mulher:

*O meu amado
É como a serpente*

Diz o amado:

*Sou leme de navegações infindas
Fervo no preparo do meridiano
O alimento sagrado nosso
De todos os dias
Entro em teu continente
E com amor apuras
O comer feito de água
De água, fuba e calor
Que molha o teu rosto
Com a graça de Deus*

O CAIXILHO E OS LÁBIOS

Vou e venho. Eles lá estão
Os lábios são como caixilho
Vou e venho. Sempre ali estão
A observar. O caixilho e os lábios
Observam sempre assim
Vou e venho. Eles ali estão

A CHAVE E A PORTA

Sou eucalipto. Sou chave desta fechadura.
Na estação húmida e verdejante
Demando a porta do mistério
Todas as noites ímpares são estações húmidas

Sou eucalipto. E vem a porta do mistério
Doa frente do tesouro

És a porta do tesouro. Sou chave
Acolho as profundezas do mistério
E ousas novos aprendizados

Diz a porta:

*A chave não é pequena. Vou tossir
A chave não é pequena. Afasta-se a porta
Como a de boi raspa porta*

Diz a porta:

*Se fores meu amado
Durmo com a porta para ti
O corpo do meu amado
É como eucalipto*

Diz-me a porta:

*Hoje trouxeste
Um molho de lenha para o fogo
As minhas entranhas estremecem*

A ABÓBORA

A abóbora é a minha amada
Na cama dorme eternamente
Com mesmo lado em luas sucessivas

A METÁFORA SALOMÓNICA DO AMOR

Lisura, Inundação, Garupa
O elixir

AS LIÇÕES DE JOB NO SEU LIVRO

Nas vetustas palavras de Job medram
Sonhos de um oceano audaz. Com a morte dos seus filhos o destino

O ELOGIO IMPOSSÍVEL

Quando uma mulher frondosa e úbere
De um olhar que voraz
Madura exala perfumes e húmus, num sorriso se diz
Não há louvor ou elogio possível

Ergue-se uma voz quente, sondável
Quente narrada por lábios legíveis
Uma voz branda como a sede de um quarto crescente
Irrrompendo pelo corpo pródigo e frugal
Injustamente colhida pela memória dos dias
O sol vergastado por mãos sonolentas

Ó que mulher frondosa e úbere
Libertando perfumes frescos e húmus, num sorriso voraz
Mas é sol vergastado por mãos sonolentas
Não há louvor ou elogio possível para tanto gasto

LUIS KANDJIMBO

7 de Nov.2000

